

Educação e Cultura

Claudio Nascimento*

“A idéia revolucionaria deve desalojar a idéia conservadora, não só das instituições, mas da mentalidade e do espírito humano. Da mesma forma que é conquista do poder, a revolução é conquista do pensamento...é conquista do pão, e também da beleza, da arte, do pensamento e de todas as benevolências do espírito”.

(Mariategui)

Qual a relação entre educação e cultura ?

Para quem trabalha com educação popular , esta pergunta parece estranha. Entretanto, pensando mais a fundo, situando a historicidade da questão, vemos que ela tem seu sentido e sua razão. É um fato, e contra fatos, há argumentos.

Articular , historicamente, educação e cultura, significa buscarmos o caldo cultural do qual surgiu a RECID. Entender, o papel da educação na transformação social de nosso país. Construir uma visão mais ampla do Projeto Político Pedagógico da RECID.

Em entrevista, Betinho, o animador da luta contra a fome, assinalava o divorcio existente entre a esquerda e a cultura. Dizia-nos Betinho: “Eu acho que há um profundo e terrível divorcio entre a política e a cultura. Nós não percebemos que é a cultura que produz hegemonia... Então eu acho que uma das coisas mais trágicas que a esquerda brasileira viveu e vive ainda, é esse divorcio”

Esta questão agrava-se quando pensamos que, especificamente, no campo dos trabalhadores e, sobretudo, no sindical, a cultura que dominou décadas e décadas foi, acima de tudo, corporativa. Há as exceções, que comprovam a regra, como por exemplo o papel que o anarco-sindicalismo dedicava a cultura.

No campo amplo das esquerdas do país, encontramos figuras que construíram sua visão de mundo numa relação profunda entre política e cultura; por exemplo, Mario Pedrosa, Antonio Candido, Sergio Buarque de Holanda. Porém, se olharmos no ângulo das organizações das esquerdas, a regra é o divorcio (a separação) e/ou um casamento mal sucedido (uma visão instrumental da cultura).

Para o caso do PCB (o ‘partidão’), hegemônico por décadas no campo das esquerdas, o trabalho de Antonio Albino Canelas Rubim , assinala:

“O sintomático silenciamento do tema da cultura nos documentos e resoluções oficiais do PC em flagrante contraste com a multiplicidade de estruturas culturais sob sua direção e sua tentacular influencia no meio intelectual”.

O desencontro da política cultural do PCB com o modernismo, nos anos 20, e nos anos 60, com o tropicalismo, expressa para Rubim que, “em resumo todo este conjunto estético-político desvela, em sua rejeição, os limites da tradição político-cultural assimilada pela esquerda brasileira e a dificuldades de sua renovação estético-política”.

Antonio Candido mostrou que o período que vai do final dos anos 50 até 1964, foi o último momento em que a cultura ‘que fosse boa para burguesia era boa para todos’ Até então não se tinham manifestado visivelmente fora da burguesia forças que impusessem ‘culturas’ paralelas. No fim do decênio de 50 e começo do de 60 a coisa começou a mudar”. Através de vanguardas e amplos movimentos sociais de estudantes, populares e intelectuais começou-se a construção de uma contra-hegemonia. Candido assinala o cinema novo, teatro popular, a ação de Paulo Freire, o governo de Arraes. ”O fenômeno foi tão importante que os poderes competentes tomaram providências imediatas... A partir de 1 de abril de 1964 tais providências foram drásticas em relação a tudo isso, a todo esse esboço de movimento cultural paralelo e até certo ponto antagônico ao da burguesia’.

Sem dúvidas, este amplo movimento cultural deixou suas raízes, e, nos anos 70, seria retomado sob formas novas correspondentes a novas práticas sociais.

Analisando a resistência a ditadura militar (sobretudo, a partir de 1977), vemos que a questão cultural esteve no centro das lutas. Através do teatro, do cinema, das artes plásticas, da música; e, no que diz respeito a educação, nos Centros de Educação Popular, a cultura foi uma das molas mestras na construção de uma contra-hegemonia, tal qual tinha ocorrido nos anos 60. Não foi, portanto, por acaso que Gramsci, no campo da educação, tornou-se uma referência fundamental, como formulador da teoria da “hegemonia cultural”.

Por exemplo, vamos buscar quais matrizes culturais tinham estado presente na ”formação” da política de formação sindical da CUT. Partindo do método utilizado por Antonio Candido em “Formação da Literatura Brasileira”, analisamos a possibilidade da existência de um sistema de formação na CUT. Para definir os “momentos decisivos” deste processo, isto é, para definir os traços gerais da experiência de formação, no período pos-64, implica abordar aspectos da formação social brasileira, no campo da sua superestrutura.

Tomamos como indicadores o Golpe Militar (1964) e o VII Enafor (1993). E, como análise, a obra de Eder Sader sobre os “Novos Personagens” que entraram em Cena”, e, seu texto “Para um Balanço da P.O. (com o pseudônimo de Raul Villa). No período que segue ao golpe militar, a questão da formação em geral, pode ser analisada em dois tempos, com um interregno:

- 1) A época do primeiro ciclo da “Nova Esquerda”, que vai de 1964 a 1971; tendo como eixo, o “militarismo” e o “vanguardismo”.
- 2) Um interregno, após a derrota dessa esquerda, que vai de 1971 a 1973, caracterizando uma transição;
- 3) A derrota da esquerda, segue-se uma “dispersão” que na maior parte dos casos converge para sua reestruturação no campo da “educação popular”, incluindo o trabalho de “formação sindical” nos sindicatos e nos Centros de Educação Popular. Este período vai de 1974 a 1978.
- 4) O período de 1978 a 1983, que abre um novo ciclo e que podemos sintetizá-lo com palavras de Eder Sader: “os movimentos sociais foram um dos elementos da transição política ocorrida entre 1978 e 1985... Apontaram no sentido de uma política constituída a partir das questões da vida cotidiana. Apontaram para uma nova concepção da política, a partir da intervenção direta dos interessados. Colocaram a reivindicação democrática referida às esferas da vida social, em que a população trabalhadora está diretamente

implicada: nas fabricas,nos sindicatos,nos serviços públicos e nas administrações nos bairros”.

Um companheiro de Eder,Marco Aurelio Garcia denominou a esquerda nascida neste período de "esquerda social";a terceira geração da nossa esquerda.

“Essa esquerda social não resume as esquerdas no final dos anos 70 e começo dos anos 80.É, no entanto,o seu cerne.Ela surge basicamente dos movimentos sociais que proliferam no período e que refletem complexos e desiguais processos de enfrentamento com o Estado e o sistema de dominação nos anos 70.O mais importante,e que terá peso mais significativo,é o movimento operário e sindical, comportando varias formas fora e dentro dos sindicatos oficiais.Os movimentos no campo – pouco estudados até agora- tiveram um crescimento insuspeitado.

Os novos movimento sociais (mulheres,negros,homossexuais, indígenas,portadores de deficiência,ecológicos),”correspondem à (re)descoberta e/ou)re)valorização de temas ausentes ou minimizados pelo pensamento das esquerdas tradicionais ou,o que é mais importante,a uma nova reflexão substantiva sobre a democracia,entendida como espaço de criação de novos direitos”.

Oxente! Lenine por Paulo Freire,tche! / Gramsci,uai!

Este último período é fundamental para entendermos porque a resposta a pergunta que encabeça este texto é afirmativa: Sim,cultura e educação são instrumentos estratégicos da transformação social,do ponto de vista dos trabalhadores,com suas organizações e valores construídos nesta época.Assim como a “esquerda social” não cobre o espectro das esquerdas da época,a educação popular também não foi em todas as partes a forma dominante da nova relação da esquerda com seu publico,mas ela deu o paradigma,como atesta Eder.

Eder analisa a “esquerda dispersada”,a partir de momentos que viveu em reuniões em SP. “Você trocou Lenine por Paulo Freire!” exclamou indignado um militante dirigindo-se a um companheiro seu,que defendia posições opostas ,no congresso de uma organização de esquerda,realizado em 1980”. Prossegue Eder,”Eu,que presenciei a confrontação,só a entenderia melhor depois de reconstituir as atividades de pequenos grupos militantes na periferia,as vezes no interior das estruturas da Igreja,as vezes em iniciativas autônomas.Grupos de militantes desgarrados,dispersados com a desarticulação das organizações de esquerda, iam buscar novas formas de ‘ligação com o povo’, alternativas ao vanguardismo derrotado”. Assinala Eder,”Na verdade,seu autor de cabeceira não era o educador cristão exilado do Brasil,mas Antonio Gramsci,cujas teses sobre a cultura popular e sobre o partido como intelectual coletivo pareciam abrir outras pistas para uma pratica política”.

A “ida ao povo”, característica do movimento de reestruturação das esquerdas,tomou o caráter de assumir novas praticas dos novos sujeitos sociais.Essa pratica pressionava pela concreção,pelos problemas locais,cotidianos,pela “paciência pedagógica”,pelo trabalho de base.

E,nas palavras de Eder: “porque através do método de Paulo Freire abria-se um lugar para a elaboração critica e coletiva das experiências da vida individual e social dos

educandos. Afinal, deixando-se de lado as polêmicas filosóficas, os militantes encontravam orientações educacionais que não estavam muito distante das formulações de Gramsci’.

Por exemplo, “A criação da CUT teve como um dos seus marcos a luta contra a ditadura militar combinada à ação sindical em defesa do salário, do emprego, da terra e da autonomia e liberdade sindical, onde, num intenso processo de mobilização, inúmeras oposições sindicais disputavam eleições e conquistavam novos sindicatos para o campo cutista. Essa estratégia de ação de massa foi crucial para que, no bojo das tensões políticas entre Estado e sociedade que caracterizaram a transição nos anos 70/80, o movimento sindical liderado pela CUT ocupasse um lugar de destaque, colocando-se como um dos principais interlocutores dos setores populares no processo de disputa de hegemonia na sociedade brasileira.

O trabalho de formação esteve presente em toda essa trajetória. A própria criação da central se inseriu no movimento de resistência e busca de alternativas em que a educação popular teve um papel destacado”. (Documento da PNF)

A mescla das 3 matrizes que estão na base da constituição da formação cutista, foi fundamental para que não só a política de formação, mas a estratégia da CUT tenha a questão da formação/educação/cultura como um elemento estratégico. Os primeiros Seminários da CUT sobre metodologia na formação, teve como público experiências que tinham a presença destas matrizes discursivas. (sindicalismo, Igreja popular e esquerdas)

A noção de uma nova cidadania toma seu significado neste contexto. Evelina Dagnino assinala com muita propriedade que o surgimento de uma “nova noção de cidadania”, “ela deriva e portanto está intrinsecamente ligada à experiência concreta dos movimentos sociais (...) A nova noção de cidadania expressa o novo estatuto teórico e político que assumiu a questão da democracia em todo o mundo (...)”. Evelina destaca um terceiro elemento, “o fato de que ela organiza uma estratégia de construção democrática, de transformação cultural, que afirma um “nexo constitutivo” entre as dimensões da cultura e da política”.

Com Gramsci ,além de Gramsci
(o ‘materialismo cultural’ de R. Williams)

Esta transformação cultural para construção democrática chama-se hegemonia cultural. Tem por objetivo uma transformação radical, que podemos expressá-la com as palavras da sensibilidade agônica e socialista de Mario Pedrosa:

“ A crise atual é literalmente mundial. Para compreendê-la é preciso, primeiramente, que cada um se erga a uma consciência de mundo. A obra do mundo sobre o planeta está em pane. Consertá-la , salvá-la, só será possível desta vez pelos grandes meios: uma revolução de ordem total, global , universal e radical. Radical porque descera as raízes das coisas; universal, porque não poupara nenhum canto da terra; global porque não será somente política ou social, mas científica, ecológica, ética. Ela deveria ser a última, porque, se não ocorrer, significará a abertura da crise em toda a sua potencialidade destrutora , cujas transformações sociais, políticas, físicas, ecológicas em seu seio terminarão por levar a humanidade ao fundo do abismo”.

“A revolução política está a caminho; a revolução social se vai processando de qualquer modo. Nada poderá detê-la. Mas a revolução da sensibilidade, a revolução que irá alcançar o âmago do indivíduo, sua alma, não virá senão quando os homens tiverem novos olhos para

olhar o mundo, novos sentidos para compreender suas tremendas transformações e intuição para superá-las. Esta será a grande revolução, a mais profunda e permanente...”

Esta revolução integral implica um novo olhar e uma nova sensibilidade para questão da educação e da cultura. A cultura política nasce da necessidade, do cotidiano, nutre-se da história, do tempo presente; não pode ser criada por instituições. Neste sentido, a cultura é uma necessidade vital da mente e dos sentidos, é uma capacidade humana; e 'praxis' é constitutiva da condição humana.

Na mesma perspectiva, o desenvolvimento humano está relacionado à democracia integral, ou seja, educar-se continua e ininterruptamente, na prática e na teoria, para o exercício de todas as dimensões do ser humano. Neste ponto, surge uma vinculação íntima entre desenvolvimento integral e educação.

Nesta perspectiva, quaisquer projetos políticos para o socialismo terão que passar, necessariamente, pela educação, pela questão cultural, pela hegemonia cultural.

Os anos 60/70, trouxeram mudanças fundamentais no modo de ver a cultura. Vimos como a presença de Gramsci foi importante para a terceira geração da esquerda brasileira. Após a transição dos anos 80, nos anos 90, vivemos um contexto de perda da hegemonia cultural e de perplexidade, por parte da esquerda. Com a revolução micro-eletrônica, a legitimação ideológica está nas mãos do mercado e da indústria cultural; a esfera cultural e as artes são totalmente envolvidas pela mercantilização. A lógica cultural do capitalismo tardio põe para as esquerdas e os movimentos sociais a necessidade de reinventar a política para disputa da hegemonia, e, reconquistar a hegemonia cultural.

As idéias gramscianas sobre a hegemonia, foram revistas e ampliadas por R. Williams, socialista inglês que dedicou parte de sua vida a educação de adultos. "A teorização de Gramsci reflete na percepção de Williams como o processo de hegemonização da cultura e da sociedade envolve a permeação dinâmica de toda experiência de indivíduos e grupos, de seu senso comum, de seu modo extraconsciente de entender o mundo.. Na adaptação de Williams do conceito gramsciano:

“Hegemonia então não é apenas o nível articulado mais elevado da ideologia... Trata-se de todo um conjunto de práticas e de expectativas, sobre toda nossa vida; nossos sentidos, a consignação de nossas energias, nossas percepções formadoras de nós mesmos e de nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores...”

“Nesse sentido, a teoria da cultura de Williams nos provê de um instrumental afiado para pensar essa mutação da vida social no capitalismo tardio... Vê-se que a obra de Williams promoveu o desmanche do mapeamento da vida mental que colocava a cultura em uma esfera autônoma, desvincilhada de ligações materiais e imune ao jogo de interesses que rege uma sociedade de classes...” (Maria Elisa Cevalco).

“A partir de Marxismo e Literatura Williams vai elaborando uma adaptação estratégica da teoria marxista de cultura – a que vai denominar de materialismo cultural - para dar conta das transformações do capitalismo recente” (idem).

Segundo Raymond Williams, “As pessoas mudam, é certo, através da luta e da ação. Só se muda algo tão arraigado quanto uma estrutura de sentimentos através de uma nova

experiência...Por isso,a tarefa em um movimento bem-sucedido terá que ser tarefa de sentimento e da imaginação tanto quanto dos fatos e da organização”.

Para Gramsci,a formação de uma hegemonia é um processo de longa duração e,a transformação da estrutura social é precedida de uma revolução cultural. Na obra de Williams, “estrutura de sentimento”é um conceito chave,em oposição à ‘visão do mundo’ou à ideologia’.Williams fala de uma “longa revolução”,insistindo na idéia de “cultura vivida”e numa reforma institucional,educativa,da industria cultural e da esfera publica. “Semelhante à Gramsci,ele pensava que uma hegemonia necessitava construir instrumentos culturais,que se traduzissem em tópicos,figuras semânticas,discursos,rituais.Também como Gramsci,negava-se a considerar a cultura um nível ‘secundário’: a recusa da clássica metáfora de ‘base’ e ‘superestrutura’ permitiu-lhe,por um lado,acentuar sua idéia do continuum simbólico-prático,e,por outro,renovar a perspectiva de um “materialismo cultural”,fortemente interessado no impacto das instituições e dos meios tecnológicos na produção do simbólico”(Beatriz Sarlo).

Com estes horizontes ,a formação significa um grande trabalho de educação politica e cultural,tanto em seus conteúdos,sua metodologia e em seus objetivos ou intencionalidade politica.Tudo isto aponta a longo prazo para a construção de uma hegemonia popular.Trata-se de uma “revolução cultural do cotidiano”,de gerar uma cultura democrática.O que esta em jogo é uma nova maneira de viver: novas relações sociais,formas de trabalhar,pensar,sentir...

Educação Popular e Projeto Politico

Finalizamos com idéias sobre o papel da educação popular no contexto atual,a partir de Mariategui ,pedagogo socialista, para quem “a revolução social e a criação de uma nova ordem ,qualitativamente superior à civilização burguesa,não era um assunto exclusivamente politico e economico.Implicava também uma dimensão ética e cultural”.(Alfonso Ibañez)

1.A educação popular tende a colocar a organização popular de base, no centro mesmo da construção do projeto politico alternativo;

2.a educação popular destaca a importancia da democracia na construção do novo projeto hegemônico;

3ª educação popular põe a cultura popular como fonte de identidade e força do projeto popular nacional;

4ª educação popular reconhece à vida cotidiana,a ‘experiencia’, como um espaço de construção da nova hegemonia;

5.como uma consequência da valorização da cultura popular e da vida cotidiana do povo,a educação popular põe em relevo a importância do papel do individuo e da subjetividade;

6.a educação popular assume que o” projeto nacional” é construído a partir das experiências concretas e particulares.

Ainda na pisada de Mariategui, podemos apontar 3 elementos fundamentais da Utopia Concreta,aquela baseada em possibilidades reais:

- 1) Autogestão da produção;
É a partir da vida cotidiana e dos locais de trabalho e de moradia, que deve começar a desarticulação e ruptura com os mecanismos de exploração e dominação. Esta superação implica a planificação coletiva da produção e a supressão da divisão econômico-social entre dirigentes e dirigidos. Os trabalhadores convertem-se em produtores ativos e conscientes, livremente associados.

- 2) Auto-organização política:
A autogestão da atividade produtiva é apenas um aspecto do projeto político. Ela, necessita abranger o conjunto da sociedade e sua organização. Questionar radicalmente a dominação política e o poder do Estado enquanto superestrutura alienante. A lógica do lucro deve ser abolida no conjunto da sociedade: fábricas, escolas, bairros, família, sindicatos, partidos, etc.
Trata-se de, sobre a base da realidade popular, respeitada em sua heterogeneidade, de ir construindo um novo metabolismo social e forjando uma ‘vontade coletiva nacional-popular’ em que diversos coletivos sociais possam convergir e reconhecer-se dentro de um mesmo projeto comum.
Trata-se, enfim, de trabalhadores associados, de indivíduos socializados que buscam formar comunidades humanas solidárias.

- 3) Autocriação cultural:
Nem as transformações econômicas, nem sequer as modificações sócio-políticas, são suficientes para definir o Projeto de transformação social numa linha socialista. Para esta ser radical e integral deve questionar, criticar e transformar o núcleo primário dos valores e significados que habita no mais profundo dos costumes, dos hábitos e modos de viver e pensar na sociedade capitalista. O socialismo deve apontar a socialização, não apenas do ter e do poder, mas, igualmente, a socialização do criar, no sentido de criar condições objetivas que tornem possível para todos a realização integral e múltipla de todas as potencialidades criadoras do ser humano. Criar a possibilidade de uma vida feliz, que só pode ser alcançada mediante uma liberdade criadora e lúdica, um reencantamento da vida.

Vemos, de forma clara, como estes pontos portam afinidades com os Princípios e Diretrizes do “Projeto Político Pedagógico” da RECID.

Por fim, fechemos este ensaio com mais uma idéia de Mariategui:

“ Não se chega à revolução só por uma via friamente conceitual. A revolução mais que uma idéia é um sentimento. Mais que um conceito, é uma paixão”. Para compreendê-la se necessita uma espontânea atitude espiritual, uma especial capacidade psicológica”.

Bibliografia:

- Projeto Político Pedagógico. Rede de Educação Cidadã. Instituto Paulo Freire. SEDH. 2007.

- Candido, Antonio, “Formação da Literatura Brasileira”(momentos decisivos). Liv. Martins Editora, SP, 1964
 .”Feitos da Burguesia”(em: “Teresina, etc”). Paz e Terra, 1980

- Sader,Eder, "Quando Novos personagens entraram em cena".Paz e Terra,1988
- Villa Raul(pseudonimo de Eder Sader)"Para um Balanco da P.O."(em: Revista Critica,jan/80)
- Garcia,Marco Aurelio,"Esquerdas:rupturas e continuidades".(Em: Anos 90,politica e sociedade no Brasil/Brasiliense,1994)
- Dagnino,Evelina,"Os movimentos sociais e a emergencia de uma nova concepção de cidadania(em: Anos 90,politica e sociedade no Brasil/Brasiliense 1994)
- Forma & Conteudo 3(dezembro 1990). 'Mobilização e formação:faces de Ação Popular".Revista da CUT.
- Rubim, A.Albino Canelas,"Marxismo,cultura e intelectuais no Brasil"(Em: Historia do marxismo no Brasil ,Vol.III/editora da Unicamp,1998)
- Pedrosa,Mario,'Mundo,Homem,Arte em Crise'.Perspectiva,1975
- Williams,Raymond:
 - . (Cultura e Sociedade.Companhia Editora Nacional,1969)
 - . Marxismo e Literatura.Zahar,1979
 - .Cultura.Editora Paz e Terra,1992
 - Hacia el Año 2000.Critica/GrijalboBarcelona,1984
 - .Los Medios de Comunicación Social.Ediciones PenínsulaBarcelona,1974
- Lowy,Michel/Sayre,Roberto,"A corrente romântica nas ciencias sociais da Inglaterra:Edward P.Thompson e Raymond Wiliams".Critica Marxista,Editora Xamã,num.8/1999
- Cevasco,Maria Elisa,"Cultura:um topico britanico do Marxismo ocidental".(em: Capítulos do Marxismo Ocidental/editora Unesp,1998)
- Sarlo,Beatriz,"Raymond Wiliams/uma releitura".(em: Paisagens Imaginarias.Edusp,1997)
- Ibañez,Alfonso, "Alcances Políticos y Culturales de la Educación Popular"(em:Para Repensar Nuestras Utopías.Sur/Tarea.Peru,1993.
 - ."Mariategui,un Pedagogo Socialista".(Idem)
 - ."Mariategui,revolución y utopia".Tarea,Lima,1978
- Guibal,F./Ibañez,Alfonso,"Mariategui Hoy",Tarea,Lima,1987
- Mariátegui,José Carlos,'Textos Basicos".FCE,México,1991
 - ."ideologia y Politica".Editora Amauta,Peru,1972
- Gramsci,"Educación y Sociedade"(Presentación de F.Guibal)Tarea,Peru,1985
 - ."La Formazione Dell'Uomo" (Scritti di pedagogia),Editori Riuniti,Roma,1967
- Broccoli,Angelo,"Antonio Gramsci y la educación como hegemonia".Ed.Nueva Imagen,Mexico,1977

-Nascimento, Claudio:

. “A formação’ da formação sindical da CUT”. Instituto Cajamar. Digit, 1994

*Claudio Nascimento ,Equipe Nacional da RECID.